

A ÁREA DE EXPOSIÇÃO PODE AINDA AUMENTAR COLOCANDO TOLDOS ENTRE OS PAVILHÕES

«A Feira do Livro de Lisboa de 1972 foi infelizmente marcada pela rotina», concedeu um editor da capital ouvido pela «República» no rescaldo do certame, acrescentando, porém, que a severidade das críticas feitas pelos jornais diários (e não só) teria contribuído para afastar público da Avenida.

«Uma realização deste género precisa do apoio da Imprensa, senão perde força», disse-nos ainda o editor. E à guisa de explicação suplementar: «No Porto, onde os jornais não actuaram com a severidade dos de Lisboa, a Feira de lá teve menos quebra de vendas.» Mas também citou o facto de entre a delegação

do G.N.E.L. e os expositores se haver registado um convívio maior do que em Lisboa, patente, quanto a aspectos práticos, numa promoção bastante mais visível.

Assim, mais rotina, menos publicidade, Imprensa mais agressiva (ou: mais rotina, menos publicidade, bastante displicência, de onde várias críticas da Imprensa) o certo é que a Feira de 1972 vendeu menos e pareceu copiada a papel químico da de 1971. Essa crítica aceita-a o nosso interlocutor, que nos disse a propósito:

«Não sei bem se se poderá fazer alguma coisa para modificar a Feira de Lisboa. Para reanimá-la, sim. Mas

para melhorar a exposição, agora que temos um local certo e pavilhões de ferro, só talvez recorrendo a soluções de pormenor. Por exemplo: os expositores queixam-se de que os pavilhões são exíguos? O público tm dificuldade em escolher calmamente os livros do seu agrado? Acho então que entre os pavilhões poderiam ser montados toldos e sob esses toldos expor-se-iam livros. Mais espaço, portanto. E mais contacto do vendedor com o comprador.»

Outra ideia do nosso interlocutor: um pavilhão grande para conferências, palestras, mesas-redondas, pequenos concertos, pequenas representações teatrais

(e um programa que facto desse ocupação a pavilhão com tais características). Ah, e carta para os expositores reatorem os seus pavilhões cor que entenderem... «A Feira é triste», miu.

OS «BEST-SELLERS» DA ÚLTIMA SEMANA

A Comissão da Feira divulgou, entretanto, os títulos das obras mais vendidas (segundo informações de pavilhões) na terceira e última semana do certame. Quanto a livros de auto-

nacionais, eis a lista por dem alfabética:

A. H. de Oliveira — «Interpretação da História de Portugal», «Ensaio» (vols.



A feira da Avenida proporciona à juventude a satisfação do seu, cada vez maior, desejo de comprar livros

Portuguesa», «A Primeira República Portuguesa».

Alfonso Costa» e «Guia do Estudante da História Medieval Portuguesa»;

Aida Maria Coelho — «A Garra e a Formiga»;

Albino Ferreira — «Condição Inglesa»;

Alice Ogando — «Cinco Francos e um Preto»;

Almada Negreiros — «Obras Completas»;

Almeida Garrett — «Frei Luís de Sousa»;

Alves Redol — «Teatro» («Fronteira Fechada»);

António Borges Coelho — «Portugal na Espanha Arcaica»;

António Nobre — «Só»;

António Sérgio — «Breve Interpretação da História de Portugal», «Ensaio» (vols.

I, II e VI) e «Pátio das Comédias»;

Antunes da Silva — «Uma Pinga de Chuva»;

Camilo Castelo Branco — «O Bem e o Mal»;

Carlos de Oliveira — «Uma Abelha na Chuva»;

Daniel Filipe — «Invenção do Amor»;

Duarte Leite — «História dos Descobrimientos»;

Fernando J. Silva — «Dicionário da Língua Portuguesa»;

Fernando Lopes Graça — «Evolução das Formas Musicais»;

Fernando Namora — «Os Clandestinos»;

Ferreira de Castro — «As Maravilhas Artísticas do Mundo»;

Florbela Espanca — «Sonetos»;

Guerra Junqueiro — «A Velhice do Padre Eterno»;

Henrique Barrilero Ruas — «Alguns Aspectos Psicopedagógicos»;

Herberto Helder — «Vocação Animal»;

Jaime Seguíer — «Dicionário Prático Ilustrado»;

Joaquim Paço d'Arcos — «Ana Paula»;

Jorge Canuto — «História da Maria dos Olhos de Água e do Zé Pimpão»;

José Cardoso Pires — «Dinossauro Excelentíssimo»;

José Carlos Ary dos Santos — «Resumo»;

José Gomes Ferreira — «Poesia III»;

José Marmelo e Silva — «Adolescente Agrilhoado» e «Anquilose»;

José de Oliveira Cosme e Carlos Alberto — «Camões — Sua Vida Aventura»;

José Régio — «Confissão de um Homem Religioso» e «O Príncipe com Orelhas de Burro»;

Júlio Dinis — Diversos títulos;

Leonel Louro — «Apascenta as Minhas Ovelhas»;

Luís de Camões — «Os Lusíadas (indicado por seis pavilhões, depois de na semana anterior haver sido indicado por três);

Luís Forjaz Trigueiros — «Monólogo em Efeso»;

Luiz Pacheco — «Exercícios de Estilo»;

Luís de Stau Monteiro — «Sua Excelência»;

M. Barão da Cunha — «Aqueelas Longas Horas»;

Maria Amália Medeiros —

«As Três Faces da Pedagogia»;

Maria Judite de Carvalho — «Tanta Gente, Mariana»;

Maria Rosa Colaço — «A Criança e a Vida»;

Mário Domingues — «Camicões, Sua Vida e Sua Obra» e «Bocage, Sua Vida e Sua Obra»;

Miller Guerra — «As Universidades Tradicionais na Vida Portuguesa»;

Modesto Navarro — «História do Soldado que não foi Condecorado».

Natália Correia — «A Madona»;

Neves Reis e Magnus Bergstrom — «Prontuário Ortográfico»;

Nicolau Emérico — «O Manual dos Inquisidores»;

Nuno de Montemor — «As Duas Paixões de São Paulo»;

Pires de Castro — «Lições Práticas de Português»;

Policarpo Lemos — «Rendimentos e Poupança»;

Reis Brasil — «Os Lusíadas de Luís de Camões»;

Rodrigues da Cunha — «A Moleirinha das Fragas»;

Romeu de Melo — «A Buzina»;

Roussado Pinto — «Vasco Duro»;

Sarah Beirão — «Luta»;

Sebastião da Gama — «Pelos Sonhos É Que Vamos»;

Sidónio Muralha — «Poemas»;

Sophia de Mello Breyner Andresen — «Dual»;

Tomaz de Figueiredo — «Uma Noite na Toca do Lobo»;

Urbano Tavares Rodrigues — «Estrada de Morrer»;

Virgílio Ferreira — «Aparição».

Foram ainda citados a «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», o volume «Armorial Lusitano» e a «Antologia da Seara Nova».

OS «MAIS» DA TRADUÇÃO

Quanto às traduções mais vendidas entre 4 e 11 de Junho, eis a lista, também por ordem alfabética de autores:

A. Manfrede — «A Revolução Francesa»; Alexandre Dumas — «O Colar da Rainha»; Alfred Lapple — «Mensagem Bíblica para o Nosso Tempo»; André Maurois — «História da Inglaterra»; Ania Francos — «Palestina,

Liberdade ou Morte»; Bertrand Russel — «A Conquista da Felicidade» e «Porque Não Sou Cristão»; Carl Weissemann — «O Hipnotismo»; Carlo Collodi — «Pinóquio»; Carlo Majello — «A Arte de Comunicar»; condessa de Ségur — «Meninas Exemplares»; Dominique Lapiere e Larry Collins — «Oh Jerusalém!»; Edna T. Moren — «Pepitas de Ouro» e «Nem tudo o que luz»; Emmanuel de Martonne — «Panorama de Geografia», I vol.; F. Finn — «Harry Dee».

Fiodor Dostoievski — «Obras Completas»; Frances Burnet — «O Pequeno Orde»; Francis Durbridge — «O Grande Assalto»; Friedrich Engels — «Anti-Dühring»; Fulton Shen — «Vale a Pena Viver»; George Jackson — «Cartas de Prisão»; Gilbert Cesbron — «Os Santos Vão Para o Inferno»; Giordio Bassani — «Contos de Ferrara»; Graham Greene — «A Inocência e o Pecado»; Guy Rocher — «Sociologia Geral»; Harold Robbins — «Os Insaciáveis»; Harriet B. Stowe — «A Cabana do Pai Tomás»; Hermógenes — «Yoga para Nervosos»; Hillaire Cuny — «Albert Einstein e a Relatividade»; Irving Wallace — «O Relatório Chapman», «Os Sete Minutos» e «As Três Serreiras»; Ismond Roren — «Desvios Sexuais»; J. Laplanche e J. B. Pontalis — «Vocabulário da Psicanálise»; Jean Dalsace e Raoul Palmer — «Prática Sexual e Controlo de Nascimento»; Steinbeck — «Vinhas da Ira»; Laurence J. Peter e Raymond Hull — «O Princípio de Peter»; Lewis Carroll — «Alice no País das Maravilhas»; Lobsang Rampa — «A Terceira Visão»; Louis Pauwels e Jacques Bergier — «O Homem Eterno»; Louis Robert — «Judo»; Lu Xun, Mao Dun, Lao She e outros — «Contistas da China Popular»; Luciano Cupia — «Ele e Ela Unidos para a Vida»; Marcel Martin — «A Linguagem Cinematográfica»; Marcel Proust — «Em Busca do Tempo Perdido»; Maria Bartolozzi Guaspari — «Thomas Edison».

Mark Twain — «As Aventuras de Tom Sawyer»; Noah Gordon — «Tribunal,

(Continua na 10.ª pág.)

RESCALDO DA FEIRA DO LIVRO

(Continuado das centrais)

Morte, Hospital»; Pablo Neruda—«20 Poemas de Amor e Uma Canção Desesperada»; Patrice Myrnes—«Saber Castigar»; Pierre Drouin—«A Europa do Mercado Comum»; Platão—«República»; René Sédillot—«A.B.C. da Economia»; Robert Payne—«Vida e Morte de Lenine»; Roger Martin du Gard—«O Drama de João Barois»; Roger Portal—«Os Eslavos—Povos e Nações»; Romain Rolland—«Colas Breugnon»; Santo Agostinho—«Confissões»; Sigmund Freud—«Psicopatologia da Vida Quotidiana»; Stefan Zweig—diversos títulos; Stephen Barley—«A Escravatura Sexual»; Stendhal—«Do Amor»; Teilhard du Chardin—«Fenómeno Humano»; Ugo Ezzel—«Arquivos Secretos da História»; Walt Disney—vários títulos dos «Mini-Livros» e da série «Películas»; Wilfred Burchett—«Movimento Operário Britânico»; Wilkie Collins—«A Mulher de Branco»; William Shakespeare—«O Amansar da Fera»; e Willy Brandt—«Batalha pela Paz».

Além da «Bíblia Sagrada» e do «Novo Testamento», foram também indicados os n.º 1 a 8 da colecção «Vida da Empresa», de autores vários.

OS «MAIS» DO BRASIL

Quatro obras de autores brasileiros estão também incluídas nos «mais» da última semana da Feira. Catulo da Paixão Cearense, poeta popular, figura na lista com «Meu Sertão», enquanto João Cabral de Melo Neto ganhou direito a isso com «Morte e Vida Severina», o «auto de Natal pernambucano» que o T. U. C. A. trouxe anos atrás a Portugal numa bela encenação. Romances, um apenas como «best-seller», aliás nessa posição desde 23 de Maio—«Gabriela, Cravo e Canela», de Jorge Amado. Enfim, Josué de Castro entra na lista com o famoso ensaio «Geopolítica da Fome».